

Saramago segundo terceiros

*Elisa Guimarães**

O leitor habituado a ler José Saramago acaba por reconhecer as dimensões que tornam impraticável qualquer definição ou preferência capaz de fixar em seguro esquema os traços distintivos ou decisivos da obra do escritor português.

Diante da multiplicidade, dispõe-se o leitor a ligar sua referência a um conjunto que pertence, a um tempo, ao patrimônio da História e ao repertório das histórias.

É o que, em primeiro plano, se pode colher do conjunto de ensaios intitulado *Saramago Segundo Terceiros* – trabalho de um grupo de leitores familiarizados com a riqueza da obra literária inscrita no talento do escritor José Saramago. Compõem esse grupo nove professores universitários: Sandro Luís da Silva, João Adolfo Hansen, Eugênio Gardinalli Filho, Lilian Lopondo, José Francisco Rodrigues de Carvalho, Marlise Vaz Bridi, Waldecy Tenório, Raquel de Sousa Ribeiro e Francisco Maciel Silveira.

Organizado por Lilian Lopondo e publicado pela Humanitas Editora, o volume de ensaios reúne méritos que não se exaurem, tal como o mérito da publicação em grupo à luz da partilha de conhecimentos e pesquisas, numa confluência que deve refletir o cerne da vocação universitária.

(*) Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP.

Na variedade de pressupostos culturais a que remetem o leitor, os ensaios exibem raro valor tanto de natureza crítico-literária, quanto documental e filosófica.

Torna-se difícil apontar qual dos artigos reflete com maior sensibilidade crítica os rumos do pensamento e as peculiaridades de expressão do romancista.

Considerações biobibliográficas – trabalho de Sandro Luís da Silva – abrem a coletânea, possibilitando ao leitor um olhar de conjunto sobre o autor e a obra.

A produção literária de Saramago é aqui analisada, em geral, na perspectiva de uma das tendências atuais mais marcantes da literatura: a de desviar o signo da conotação de referencialidade para a conotação poética.

Assim, no comentário ao *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, Marlise Vaz Bridi, lembrando ser a obra reprodução de uma gravura de Dürer, explora o processo de transposição da arte silenciosa e estática da gravura para “a palavra literária, móvel e ambígua”.

Mobilidade e ambigüidade esboçam a figura do homem Cristo que, na perspectiva do autor, distancia-se do ser divino, alvo de adoração.

Também Waldecy Tenório dedica-se à análise crítica do mesmo controvertido romance *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Vê nessa obra a revelação de faces talvez insuspeitadas de Saramago: a recusa a Deus que se manifesta na opção pelo Filho no qual se exalta a figura do homem; o diálogo entre o romance e a teologia concebida como crítica e resistência; a obra revelando concepções nostálgicas do autor.

É de Raquel de Sousa Ribeiro a análise do *Ensaio sobre a Cegueira* – cegueira entendida por ela como “a perda da imagem do real”, ultrapassando, portanto, o sentido físico, denotativo.

São cegos os que fazem da razão um trampolim para o comportamento excessivo, censurável. Cega é a sociedade

contemporânea, testemunha e vítima da passividade de um sistema insensível às necessidades sociais.

A cegueira apresentada como um “mal do espírito” é, segundo Raquel, um dos possíveis significados ajustáveis à maneira como o autor a concebe.

A obra *Memorial do Convento* é comentada por João Adolfo Hansen – comentário que se sustenta com o intuito de situar o romance ou no contexto moderno ou no pós-moderno. A discussão se amplia encarecendo, na análise, tanto a substância do conteúdo quanto o vigor da expressão. Numa rica contextualização histórico-filosófica, Hansen recapitula épocas, fatos e teorias conducentes a possíveis respostas à indagação inicial: moderno ou pós-moderno o *Memorial do Convento*?

“Fica, à luz de convincentes ponderações, demonstrada a modernidade de Saramago por meio de algumas articulações básicas do seu texto, como o distanciamento entre a enunciação de *Memorial do Convento* e os eventos relatados. Há uma recomposição mimética ou representativa de materiais do século XVIII. Reconstrução fictícia – lembra Hansen – uma vez que “Saramago não é historiador, mas poeta”.

O ano da morte de Ricardo Reis: da irrupção heteronímica à contextualização crítica efetuada por José Saramago é objeto da análise feita por Eugênio Gardinalli Filho, num ensaio que se ajusta a uma dada direção e a determinados limites: Quem é Ricardo Reis de Fernando Pessoa? Como e por que José Saramago o reficcionalizou?

Impossível definir o Ricardo Reis de Fernando Pessoa senão articulando-o com o mestre Alberto Caeiro de cujo “falso paganismo Fernando Pessoa arrancou o Ricardo Reis latente”. Pertencem os dois heterônimos a um mesmo projeto poético. Impossível a compreensão exata de Reis sem o conhecimento das propostas de Caeiro. É bem por isso que Eugênio explora, em breve mas rica abordagem, o veio poético mais fundo da poesia de Caeiro – a dramaticidade íntima, “a aspiração agônica do eu profundo”.

Relacionando os dois heterônimos, o crítico recapitula uma velha controvérsia presente na Literatura Portuguesa dos anos 30 – questão que Saramago busca resolver em *O ano da morte de Ricardo Reis*. Trata-se do problema do distanciamento entre o itinerário do poeta e a conjuntura sócio-política – o que se desdobra em dois campos antagônicos ; o eu circunscrito a si mesmo; o homem inserido em seu todo histórico e social. É nesse âmbito que Eugênio aponta no romance de Saramago uma disposição em pólos opostos: o eu lírico das *Odes de Reis* e o foco narrativo do romance que exhibe um narrador de visão eminentemente crítica.

Explica-se, assim, o segundo segmento do título do ensaio: *O Ano da Morte de Ricardo Reis: da irrupção heteronímica à contextualização crítica efetuada por José Saramago*”.

José Francisco Rodrigues de Carvalho dedica-se ao ensaio intitulado *Herculano, Saramago e História do Cerco de Lisboa*.

Num confronto entre o historiador Herculano – autor da *História de Portugal* – e o romancista Saramago, José Francisco aponta os dois autores seguindo os mesmos pontos no episódio histórico do Cerco de Lisboa. Saramago parte da obra de Herculano para uma discussão sobre a construção da verdade histórica, relatando apenas os episódios principais, diferentemente de Herculano cujo discurso se deixa marcar por detalhes.

É de se salientar o empenho de Saramago em relação ao código, à palavra – preocupação que se surpreende mesmo no cerne da construção do romance.

Corroborar-se aqui também o que foi dito no início desta resenha a respeito do esvaziamento da referencialidade do signo para integrá-lo no nível da conotação poética – o que constitui uma das tendências atuais mais marcantes da literatura.

Ainda: enquanto em Herculano a narrativa é linear e progressiva, a revisão histórica empreendida por Saramago

detona um entrecruzamento de tempos – do que resulta o tom surrealista da narrativa.

Destaca ainda o ensaísta o intenso lirismo de Saramago no relato da tomada de Lisboa. E lembra o que diz o romanista a respeito da *História do Cerco de Lisboa*: “*Não é reconstrução histórica [...] É sobretudo, e resumindo, o ficcionista como colaborador do historiador*”.

Lilian Lopondo dá a seu ensaio o título: “*O Proselitismo em questão: o processo de reconhecimento em A Jangada de Pedra*”.

Explica-se o tema em razão da acusação feita ao escritor e sua obra – questão discutida pela ensaísta que julga ser injusto ler o livro de um único viés – o do proselitismo.

Propõe-se a analisar *A Jangada de Pedra* à luz da articulação entre mito e compromisso, “com o intuito de verificar em que medida o proselitismo põe em xeque a qualidade da obra”.

Com muita acuidade, Lilian examina o inter-relacionamento dos diversos conceitos de mito na obra, bem como seu peso na construção da mundividência do romance. Enfatiza o resgate operado por Saramago em torno da especificidade do mito, num deslocamento do foco de atenção da Península Ibérica – espaço onde se desenrolam os fatos – para o homem e a sociedade. Promove, assim, o autor a revitalização do mito e seu compromisso ganha nova estatura. Não será justo, portanto, e assim o prova o ensaio, ver *A Jangada de Pedra* como mero instrumento de combate nas mãos do escritor. Há ainda muito o que descobrir e admirar na obra.

Em audacioso ensaio, Francisco Maciel Silveira analisa a edição de *Os Lusíadas, segundo o olhar (aquilino) de Saramago*. Por que audacioso? Eu também – resenhista – de olho esquerdo leio o texto do ensaísta no qual encontro incomum audácia, ou melhor, a louvável coragem dos que conhecem, daqueles que criticam com bases sólidas.

Entre parênteses no título do ensaio (aquilino), a primeira marca do aspecto mais instigante do ensaio: afinal, a inspiração é de Aquilino, de outrem ou de Saramago?

À força de contundente e convincente argumentação – fundamentada em provas de evidência, extraídas dos textos em pauta – ficam provadas as “enxertias aquilinas” na peça de José Saramago sobre a “composição e publicação de *Os Lusíadas*. Marca-se, pois, com a pecha do não-ineditismo a releitura saramaguiana, tanto no que diz respeito a comentários sobre aditamentos posteriores ao poema, quanto ao que se refere a emendas efetuadas pelo censor, Frei Bartolomeu Ferreira.

O diálogo intertextual-parafrásico compromete a originalidade do texto de Saramago, uma vez que se deixa prescindir da revelação de fontes e paradigmas – o que é, sem dúvida, pouco elogiável.

Eis, em síntese, as linhas que nos parecem fundamentais nessa rica coletânea de ensaios. Muito se beneficiará aquele que dela se fizer leitor. Mais ainda: aquele que se dispuser a um confronto entre as obras-fonte e a variabilidade de aspectos explorados nas análises. Sabe-se que o discurso literário, no lugar de impor a linha direta da certeza, deixa aberto um leque de soluções possíveis.